

Entre as pulgas
– Da insustentável dureza à insustentável leveza do ser

Among fleas
– From the unbearable hardness to the unbearable lightness of being

Luana da Silveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

O contexto atual do capitalismo cognitivo nos convoca a problematizar a política de subjetivação dominante sobre o processo de formação e produção do trabalhador imaterial. Para tal, será abordada a formação do estudante de pós-graduação *stricto sensu*, colocando-se em análise a política de anestesiamento do corpo, evidenciando a desconexão entre o pensar e o corpo vibrátil. Característica da lógica administrativa que atravessa a academia, tal política incita à produção desenfreada, à reprodução de saberes e técnicas, ao pensamento representativo com a utilização de ferramentas hegemônicas do século XIX e, paradoxalmente, exigindo criatividade, inventividade, conectividade e fluidez. A partir da aliança com autores como Foucault, Deleuze, Guattari, Despret, Pelbart, Rolnik, Negri, Hardt, Cocco e Lazzarato, entre outros e através do exercício inquietante, pretende-se produzir pontos de tensão nos interstícios da macro e micropolítica, transversalizando as práticas cotidianas, desburocratizando-as e criando diagramas de forças onde a multiplicidade apareça e reverbere outras possibilidades.

Palavras-chave: formação; trabalho imaterial; subjetividade

ABSTRACT:

The current context of cognitive capitalism invites us to question the dominant policy of subjectivity about the process of formation and production of the immaterial worker. That for we shall consider the formation of post-graduate students, analysing the body's anesthetization policy which make clear the disconnection between the thinking and 'vibratile body'. Itself a feature of the administrative logic that crosses academic environment, this policy leads and stimulates us to frenetic production, reproduction of knowledge and techniques, and representative thinking paradoxically using hegemonic tools derived from nineteenth century and requiring creativity, inventivity, connectivity and fluidity. Allied to authors such as Foucault, Deleuze, Guattari, Despret, Pelbart, Rolnik, Negri, Hardt, Cocco and Lazzarato (among others) and through unsettling exercise, we intended to produce tension spots in the interstices of macro and micropolicy, transversalizing and debureaucratizing everyday

practices and creating forces diagrams where the multiplicity shows up and make other possibilities reverberate.

Key-words: formation; immaterial work; subjectivity

Coceiras iniciais

“A gente cata o Gatinho
Mas a pulga custa a acabar
Por isso de vez em quando
Ele tem que se coçar
Ele se coça e depois
- coisa que nunca se viu –
fica olhando para o chão
pra ver se a pulga caiu.
Se a pulga caiu de fato
- ela nem conta até três –
dá um salto mortal no ar
e pula nele outra vez”

A pulga e o gato - Adriana Calcanhoto

O que nos convoca, potencializa e paralisa na produção intelectual?

Estes questionamentos incitam a problematização da política de subjetivação dominante, no contexto atual do capitalismo cognitivo, sobre o processo de formação e produção do trabalhador imaterial. Para tal, neste trabalho, será abordada a formação do estudante de pós-graduação *stricto sensu* (estudante-aprendiz-de-pesquisador-trabalhador), entendendo que é necessário fazer de nossas práticas um laboratório social, produzindo análises encarnadas das relações, em conjunto com um campo concreto de ação social.

O estudante de pós-graduação é um trabalhador cognitivo que sofre a extração de sua força de trabalho segundo os mesmos padrões sofridos pelos demais trabalhadores sociais, regulado pela universidade que tem sido atravessada por uma lógica administrativa estranguladora do fluxo do pensamento inventivo, repleta de imperativos de normatizações, padrões de eficiência e modelos bem-sucedidos. Como analisadores, temos o Efeito Lattes, gerador de uma corrida desenfreada para produzir, publicar e acumular pontos nos currículos; a tara contemporânea que nos impele a um estado permanente de formação; o aumento de programas de intercâmbio internacional, que tornam-se mais uma *griffe* em busca do status de excelência, e que, em muitos

casos, trata-se de uma espécie de exílio assistido, contornado por afiliações institucionais que, de certo modo, produzem um pertencimento durante o processo de desterritorialização; e o processo de êxodo de cérebros, caracterizado pela migração de trabalhadores qualificados que não encontram, em suas cidades ou países, oportunidades para canalizar sua qualificação, contribuindo para a materialização de espaços e redes transnacionais de produção e acumulação.

Assim, considerando que a Universidade é “pulgueiro de pensamento hegemônico”¹, a proposta deste artigo é colocar em análise a política de anestesiamento do corpo, que lipoaspira e extrai a vida, resultando em pesquisas e textos “chapados”, assépticos, incolores, inodoros e insípidos. Tal política, gestada na modernidade, evidencia a desconexão entre o pensar e o corpo vibrátil², e derruba o sonho de muitos estudantes de que a universidade seja o “Paraíso das linhas de fuga”³. Derruba?

Muita calma nesta hora! É preciso ter cuidado para não ficar ‘como um gatinho cheio de pulgas miando na beira da estrada’, rompendo com a posição vitimizadora. Para tal, é crucial se instalar nos interstícios da macro e micropolítica, transversalizando as práticas cotidianas, desburocratizando-as e criando diagramas de forças onde a multiplicidade apareça e reverbere outras possibilidades, que não estão colocadas a priori.

Como habitar inventivamente a academia, na atualidade, sem um devir outro no rigor e na eficácia? Quais são as alianças possíveis para potencializar afecções que possam engendrar processos de singularização e escapar da sintomatologia anestesiante? É possível tornar nossas pesquisas interessantes? Como fazer das bifurcações da vida uma estética⁴?

Para dar passagem às forças – ser intensamente o que se é –, há que se ter atitude inquietante como antídoto da mesmice devoradora de idéias e brechar o que desautoriza, bloqueia o pensamento, como as grades totalizantes e homogeneizantes acadêmicas (ROLNIK, 2003).

A partir de uma inquietação que move, que interlocuções são possíveis? Foucault, Deleuze, Guattari, Despret, Pelbart, Rolnik, Negri, Hardt, Lazzarato, entre outros, ajudarão no exercício inquietante para produzir pontos de tensão, que são os analisadores que atravessam a experiência.

Os interesses que movem e se movem

“Tudo o que move é sagrado,
e remove as montanhas com todo cuidado...”
Beto Guedes

O que nos faz fazer?

Considerando que as coisas circulam, circundam e nos fazem, é crucial reduzir a marcha dos tempos velozes que abalam e, muitas vezes, abolem a possibilidade de pensar e refletir sobre o nosso cotidiano, a exemplo de uma certa tara contemporânea que nos impele a um estado permanente de formação (DELEUZE, 1992).

Essa tara é mobilizada pelo medo de nunca se chegar a lugar algum, de que há sempre mais para saber, para aprender, para explorar. O que produz interesse e move muitas pessoas a buscar programas de pós-graduação *lato sensu* logo após a graduação ou ainda com esta em curso, como também leva à busca de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, mesmo sem um campo problemático. Afinal, a escolha se dá por uma aposta na ocupação do tempo que não permite ficar parado, o que concede algumas fichas para a inserção no mercado, tanto profissional como acadêmico, em que o estudante profissional – estudante-aprendiz-de-pesquisador-trabalhador – torna-se o principal gestor de sua carreira ou, em termos técnicos, é seu próprio empreendedor. Do mesmo modo, o trabalhador – eterno-aprendiz – deve investir na sua formação, sempre se atualizando e se modulando às exigências do mercado competitivo.

Escolha?!?

O que aparece como uma escolha reveladora de um investimento em si mesmo, entretanto, denota o consumo de escolhas predeterminadas, que nos impossibilita escolher modos singulares de existir. Essa impossibilidade de escolha, tão representativa em quadros compulsivos, como as toxicomanias, é um analisador da sociedade contemporânea. Um dos seus efeitos é a robotização das nossas ações, comandadas por uma ordem sentida como inquestionável, que deve ser imediatamente atendida, de tal maneira que “o tempo de questionamento e hesitação, que apontaria para a existência de uma subjetividade, é cada vez mais alijado de nós, e desse modo, os intervalos de tempo que participam de nossa vida cotidiana se encontram geridos e controlados pelo biopoder” (MACIEL, 2005: 52).

A exigência de escolhas rápidas e de formação permanente são efeitos da fase do capitalismo, que se ancora no capital intelectual como matéria-prima para a produção de

redes informacionais, seguindo a lógica global (COCCO et alii, 2003). O que engendra um controle a céu aberto, em rede, com um comando muito mais imanente, em que a energia dos corpos se concretiza no controle de estimativas, previsões, afrouxando e derrubando fronteiras geopolíticas e subjetivas. Há um processo esquizofrenizante do capitalismo cognitivo que não apenas produz, mas se apropria e regulamenta. Entretanto, este cenário não é totalitário e por mais que pareça sufocante, sempre há possibilidades de se fazer escolhas singulares, que implicam o exercício do pensamento inventivo, os bons encontros e a produção do comum.

As mudanças ocorridas no mundo do trabalho, cada vez mais abstrato, imaterial e cognitivo, produzidas pelo capitalismo em composição com a tecnociência, concretizam-se na “produção de uma subjetividade que é produtora de si mesma, fazendo convergir num mesmo plano o material e o imaterial, o objetivo e o subjetivo” (CORSINI, 2007:22).

Mas, em que consiste o trabalho imaterial? Para Negri e Hardt (2001:311), o trabalho imaterial “é o que produz um bem imaterial, como serviço, produto cultural, conhecimento ou comunicação”.

Deste modo, imprimem-se mudanças significativas que passam a investir e exigir dos trabalhadores

(...) uma dimensão criativa, imaginativa, lúdica, um empenho integral, uma implicação mais pessoal, uma dedicação mais efetiva até. Ou seja, a intimidade do trabalhador, sua vitalidade, sua iniciativa, sua inventividade, sua capacidade de conexão foi sendo cobrada como elemento indispensável na nova configuração produtiva. Claro que isso implicava um desmanche das estruturas de funcionamento muito mais aberto, flexível, num certo sentido mais autônomo e horizontalizado, em equipe, atendendo assim à toda a crítica do trabalho massificado e homogeneizador. A partir daí, cada qual deveria descobrir seu potencial específico no interior de uma estrutura mais maleável, com conexões mais abertas, mais ágeis, mais desenvoltas. (PELBART, 2003: 96-97)

Criatividade, inventividade, flexibilidade, autonomia não faziam (e fazem) parte das reivindicações dos trabalhadores para melhoria das suas condições de produção, para tornar seu trabalho mais interessante, contrapondo-se ao trabalho mecânico, repetitivo, automatizado e por vezes, emburrecedor e produtor de tédio? Não é o que reivindicamos em nossos processos de formação e de produção (tão modelizados, chapados e entediados)?

O que outrora se constituiu (e atualmente permanece) como bandeira de luta de muitos movimentos dos trabalhadores e de diversos estudos sobre o trabalho, a formação e os modos de pesquisar, foi capturado pelo capitalismo. “A criação hoje não só deixou de ser maldita, mas passou a ser intensificada e paparicada como nunca” (ROLNIK, 2003: 3). O Efeito Lattes está aí para denunciar essa paparicação da criação, imprimindo fluxos contínuos, os quais denotam que a capacidade de conexão passa a ser não apenas desejável, mas principalmente uma espécie de termômetro de desempenho no interior do imperativo da navegação livre, com muitas possibilidades de conexão, pela abertura a outros mundos disponíveis em alguns *clicks* e pelo apelo à invenção como fator diferencial na corrida maluca para a realização profissional.

A conexão como imperativo impele o favorecimento da mobilidade, da flexibilidade e dos hibridismos, possibilitando transitar livremente entre informações, estilos e universos, relacionando-se e proliferando por redes. Tamanha abertura, flexibilidade e liberdade para criar, inventar, não são possíveis sem o preço da ‘insustentável leveza do ser’:

O ideal hoje é ser o mais enxuto possível, o mais leve possível, ter o máximo de mobilidade, o máximo de conexões úteis, o máximo de informações, o máximo de navegabilidade, a fim de poder antenar para os projetos mais pertinentes, com duração finita, para o qual se mobilizam as pessoas certas, e ao cabo do qual estão todos novamente disponíveis para outros convites, outras propostas, outras conexões. A própria figura do empreendedor já não coincide com aquele que acumula tudo, capital, propriedade, família – ao contrário, é aquele que pode deslocar-se mais, de cidade, de país, de universo, de meio, de língua, de área, de setor (PELBART, 2003: 97).

A aposta no deslocamento, na mobilidade, é tão significativa que, atualmente, cerca de 200 milhões de pessoas vivem em migração, cujos números aumentam mais rapidamente do que os da própria população mundial (CORSINI, 2007). Imprime-se uma mudança na regra da vida social, substituindo as noções de permanência e residência, para incitar a circulação de pessoas, como imperativo contemporâneo. Assim, as fronteiras geopolíticas se tornam porosas, diluem-se, e também se fecham, tornando-se mais rígidas. Surgem novas articulações transnacionais, transculturais, e os fluxos migratórios são cada vez mais intensos, necessários, velozes e complexos (SANTOS, 1997; MAFFESOLI, 2001; MEZZADRA, 2005; CORSINI, 2007).

A partir da lógica de circular para produzir, novas formas de exploração e da composição técnica do trabalho engendram mecanismos de socialização do conhecimento (COCCO & MALINI, 2002). O que nos leva a interrogar sobre os efeitos

dessas mudanças no mundo acadêmico. Entre eles, podemos citar o aumento da procura por programas de intercâmbio internacional, cuja proposta visa garantir uma melhor qualificação. As principais agências de fomento à pesquisa e de financiamento à formação de acadêmicos do país concedem bolsas a estudantes de pós-graduação, com o objetivo de desenvolver as atividades da pós-graduação brasileira no contexto mundial, buscando o status de excelência. Entretanto, apesar desta valorização, há uma escassez de estudos sobre o tema, sendo esta uma das razões geradoras de meu interesse em pesquisar, no doutorado, a experiência dos estudantes em programas de intercâmbio internacional.

Outro efeito analisador é o aumento de cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu* que apostam na multiprofissionalidade, inter e transdisciplinaridade. Entretanto, os diversos concursos públicos realizados nos últimos anos apontam para a exigência de especialização em determinada área e uma coerência no currículo acadêmico e profissional, o que leva a certa desconfiança do profissional generalista, plural, dinâmico... Desviou demais?

Paradoxalmente, o cenário contemporâneo, que nos dá a sensação de estarmos vivendo uma espécie de segundo dilúvio, em que somos mergulhados num mar de incertezas, verdades relativas e instabilidades, por um lado desestabiliza nossos referenciais e nos convoca a sermos leves, flexíveis, criativos e conectivos (ROLNIK, 2001; BAUMAN, 2001, PELBART, 2003) – o que nos leva a pensar outros modos de pesquisar, a mudar nossas concepções sobre sujeito e objeto, entre outros. Contudo, por outro lado... nossas ferramentas ainda são hegemonicamente do século XIX! Assim, tenta-se metrifcar as ondas, estabelecer padrões de navegação e definição de rotas com roteiros prévios do alto do mastro de uma embarcação pesada e lenta, observando e controlando o objeto à vista. E desta navegação devem resultar textos enquadrados, duros, achatados e chatos que evidenciem as grandes descobertas. É a ‘insustentável dureza do ser’!

Estamos, assim, atravessados por forças que impelem à produção desenfreada, à reprodução de saberes, técnicas, ao pensamento representativo e também criativo, imaginativo, e por forças que podem nos mover a produzir outros modos de vida, tornando-a mais interessante e leve.

Neste jogo de forças, é importante tanto o questionamento dos pressupostos científicos clássicos que norteiam nosso fazer, geradores de uma compartimentalização

excessiva do conhecimento, quanto uma aposta em uma visão sistêmica e complexa da própria ciência, buscando aliança entre campos rigidamente separados, para fazer a “passagem de uma visão de mundo calcada na objetividade, na estabilidade, na previsibilidade, no determinismo, para outra que inclui a história, a desordem, o acaso, a complexidade e uma realidade dependente do observador” (RAPIZO, 2002: 21).

Despret (2004), na esteira de Latour e Stengers, também destaca a implicação do pesquisador no seu processo de trabalho para torná-lo mais rico, afetado. Fazer pesquisa também é uma atividade inventiva, experiência pré-reflexiva e intuitiva, subliminar, inconsciente.

Desapaixonar o conhecimento não nos dá um mundo mais objetivo, nos dá apenas um mundo sem nós, e logo, sem eles – linhas são traçadas muito rapidamente. E enquanto o mundo aparece como um mundo com o qual nós não nos importamos, ele se torna um mundo empobrecido, um mundo de mentes sem corpos, de corpos sem mentes, corpos sem corações, expectativas, interesses, um mundo de autômatos entusiastas observando criaturas estranhas e mudas; em outras palavras, um mundo pobremente articulado (DESPRET, 2004:131).

Como ser sensível ao campo de forças? Como fazer durar um pouco mais certas linhas que fazem resistência sem se deixar capturar? Hum... Movimento da ordem dos afetos. Afetemo-nos!

Rolnik (2003) expõe dois modos de conhecer o mundo: através da forma, que convoca a percepção, e através da força, que convoca a sensação, enquanto potências distintas do corpo sensível, que nos atravessam e nos constituem paradoxalmente. A percepção imprime a face formal à subjetividade, traduzida em representações auditivas, visuais, entre outros, e a sensação traz a presença viva e expressiva do outro à subjetividade.

Nosso corpo vibrátil possibilita que sejamos afetados por novos universos, através de um exercício intensivo do sensível, na relação com o mundo como campo de forças. Todavia, as formas atuais, exercícios empíricos do sensível, se constituem como um obstáculo para integrar as novas conexões que provocaram a emergência de novas sensibilidades, instaurando na subjetividade “uma crise que pressiona, causa assombro, dá vertigem. O assombro força a criar uma nova configuração da existência, uma nova figuração de si, do mundo e das relações entre ambos (ROLNIK, 2003:2).

O conhecimento do mundo como campo de forças tende a ser desacreditado, o que produz a sua desativação, levando o corpo vibrátil a um estado de coma. Ao mesmo tempo em que “intensifica-se brutalmente o paradoxo entre os blocos virtuais de

sensações e as formas de vida atuais, o que intensifica igualmente a vertigem e a mobilização das forças de criação e de resistência que ela provoca” (ROLNIK, 2003: 3).

Quais são os efeitos de uma intensificação e disseminação do exercício da força de criação acompanhado por uma dissociação das sensações que o convocam?

É que se as sensações são a presença viva no corpo das forças da alteridade, presença que gera mundos larvares que pedem passagem e que acabam levando necessariamente à falência as formas de existência vigentes, o acesso ao corpo vibrátil é indispensável para que se invente formas através das quais tais mundos larvares ganhem corpo e a vida possa continuar fluindo, formas por cuja afirmação a potência de resistência deverá lutar (ROLNIK, 2003: 4).

Um dos sintomas contemporâneos que evidencia o divórcio entre invenção e resistência é a exaustão sem fim – stress que revela a perda de ritmo das forças de uma subjetividade que nem sucumbiu à vertigem diante da crueldade da vida –, o que ocorre nos quadros de pânico, nem ao esvaziamento de sentido, como nas depressões.

Com o corpo vibrátil em coma que implica aquela dupla dissociação, as forças passam a funcionar sem ritmo, frenética e ilimitadamente, numa espécie de agitação estéril movida à ansiedade, que muitas vezes acelera-se mais ainda através de sua turbinagem com aditivos químicos – sejam eles produzidos e comercializados legalmente pela indústria farmacológica ou ilegalmente pelo narcotráfico. Subjetividades com esse sintoma são as favoritas para a cafetinagem do capital. São como as galinhas cultivadas em granjas high tech em que se elimina, pela luz, a sucessão dos dias e das noites, de forma que, desparametradas, elas produzam ovos ininterruptamente... Até que elas “burn out”, se queimem num curto-circuito irreversível de sua energia vital. (ROLNIK, 2003: 8)

Tal sintomatologia tem sido um dos efeitos produzidos na academia que, eivada por uma lógica empresarial em busca de padrões de eficiência, sucesso e qualidade total, opera como as granjas *high tech*. Deste modo, @ estudante-pintinh@-high tech tem que produzir ovos padronizados, em tempo delimitado, que deverão ser expostos no mercado acadêmico, o que concede um *plus* à formação, contribuindo para seu reconhecimento enquanto autor. Se seus ovos apresentarem falhas, será acometido por culpa, constrangimento, sofrendo por não ter feito belas cópias. Afinal, @ pintinh@ não fez seu dever de casa corretamente, não atingiu o auto-controle vital para o sucesso do empreendimento da granja, o que leva alguns pintinh@s-estudantes a se isolarem ou ainda abandonarem a granja/academia.⁵

Como produzir desvios neste cenário e expandir a vida? Para tal, é necessário fazer a associação do exercício destas duas potências, resultando em múltiplas

transformações moleculares, com novas formas de sociedade. “O paradoxo do sensível pulsando no coração da experiência subjetiva e a vertigem que ele mobiliza são o motor propulsor da construção da realidade de si e do mundo, seu disparador” (ROLNIK, 2003:2).

Levando a alma para passear?

“Pensar é estar doente dos olhos”

Alberto Caieiro

O que nos afeta e como afetar? Que posição o pesquisador ocupa no campo? Como criar no outro o desejo de indagação e criar condições de fala?

Não sabemos o quanto podemos afetar e ser afetados. Existir é variar em nossa potência de agir, entre subidas, descidas, elevações e quedas.

Pesquisar é sempre um ato coletivo, é um dos nós da rede, cuja produção não é projeção subjetiva. Ao mesmo tempo em que produz a obra, está se produzindo, em um processo de co-engendramento, que exige uma atitude de suspeição, de dessubjetivação.

Como diriam Deleuze e Guattari (*apud* PELBART, 2009:2),

o que pode uma alma e um corpo é uma questão de experimentação e prudência. Constituição de um ‘corpo’ múltiplo com suas relações específicas de velocidade e lentidão. Acompanhar a matéria anônima e impalpável dissolvendo formas e pessoas, estratos e sujeitos, liberando movimentos, extraindo partículas e afectos. É um plano de proliferação, de povoamento e de contágio. O que está em jogo é a consistência com a qual reúne elementos heterogêneos, disparatados.

Segundo Despret (2004), o dispositivo de conhecimento é um processo simétrico de transformação recíproca, do pesquisador e do pesquisado, em um processo de afetação recíproca. Conhecer é se interessar – estar entre, fazer *link*. O pesquisador não é um mero percebedor, pois as técnicas nos afetam, nos fazem, nos transformam, em uma dupla construção de vetores, forças, signos e afetos, num processo de constituição recíproca. Depende de uma disponibilidade, engajamento, agenciamento e mobilização dos afetos, o que requer a dissolução dos pontos de vista, em uma relação intensiva de estar *com* e não *sobre*, onde ninguém é o fundamento.

Deste modo, envolvidos por um jogo de afetações, somos convocados a refletir sobre o quanto a pesquisa é uma questão de fé e de confiança; portanto, exige que

analisemos as expectativas, o papel da autoridade do pesquisador, o papel dos eventos, que autorizam e fazem coisas virem a ser.

Essas reflexões evidenciam a indissociabilidade entre política e pesquisa, que se dá por e através de um coletivo híbrido, mestiço, múltiplo, no qual o que está em questão são as conexões e os efeitos que elas produzem. Pesquisar é engajar-se num coletivo, é interessar-se pelo que interessa ao outro, deixar-se afetar pelo que afeta o outro. Uma vez que afetos são corporais, a emoção está no encontro: crença, disponibilidade, interesse, confiança.

Despret (1999) nos incita a tornar nossas pesquisas mais interessantes, o que também produz o efeito de tornar a vida mais interessante. Uma das possibilidades é fazer do humor uma forma de fazer ciência e se descomprometer com a metragem, configurando-se como uma política que dá estilo, cor, sabor, cheiro e som à existência. Deste modo, podemos romper com atitudes irônicas e passivas e surfar ondas do mal-entendido promissor, necessário para desviar caminhos e construir novas versões, atentos aos modos como o nosso fazer pode ser transformado pela própria pesquisa.

A abertura ao campo implica uma maior transversalização, ir além da descrição das formas, fazendo conexões entre os fios soltos. Por isso, espera-se da formação uma mudança da política cognitiva, que não seja representação, mas aposte na inventividade, sem um saber pronto.

Como colocar em análise o que nos afeta? Nos interrogando sempre, o que exige um exercício permanente de atenção, para a qual a escrita se constitui como uma das possibilidades de análise, pois permite explicar tanto a presença de certos acontecimentos como as suas transformações, as suas deformações.

Não se trata da escrita como ato de interioridade, mas como saída de si, o que aponta a necessidade de sair da aparente familiaridade, lembrando sempre o quanto a nossa linguagem é limitada para descrever a experiência.

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva (...) A escrita transforma a coisa vista e ouvida em 'forças e sangue' (...) desdobra-se como um jogo que vai infalivelmente para além das suas regras, desse modo as extravasando (...) é uma questão de abertura de um espaço onde o sujeito da escrita está sempre a desaparecer (FOUCAULT, 2009: 141-143, 35).

Neste sentido, a escrita, para Foucault, em vez de síntese, seria a errância do pensamento; ao invés do autor, o traço da vida (des)fazendo-se. E por fim, no lugar da estabilização e da vontade de perdurar, o reconhecimento da nossa finitude.

Para Deleuze (1998), o escritor, assim como o filósofo, deve estar à espreita dos acontecimentos, o que requer uma política cognitiva de uma concentração desfocada, um exercício atencional de sensibilidade e maior abertura ao campo de forças. “escrever é, necessariamente, forçar a linguagem, a sintaxe, porque a linguagem é a sintaxe, forçar a sintaxe até um certo limite, limite que se pode exprimir de várias maneiras. É tanto o limite que separa a linguagem do silêncio, quanto o limite que separa a linguagem da música, que separa a linguagem de algo que seria... o piar, o piar doloroso” (DELEUZE, 1998).

Em “Kafka, por uma literatura menor”, Deleuze e Guattari (2002) afirmam que a escrita, cuja função é transcrever e desmontar agenciamentos, é uma experimentação, compondo-se como um rizoma, uma toca, um mapa de transformações. “Um escritor não é um homem escritor, é um homem político, um homem máquina, e também é um homem experimental” (p. 26)

Como ter estilo, dar vida ao repertório, àquilo que tensiona?

Na academia há o predomínio da língua maior, que nos provoca a sensação de sermos estrangeiros na própria língua, vestindo palavras nuas e deixando o silêncio recheado de palavras. Não é à toa que o que mais nos afeta, quando consegue aparecer, ganha o espaço das notas de rodapé! Como desobedecer ao mandato acadêmico ‘seja feio em sua escritura, porque, se for belo, vai se confundir com literatura’⁶, e não ser penalizado? Hum...

Nesta experimentação, há a necessidade de perder a cerimônia reverente, obediente a saberes instituídos. Reconhecer que não há autor que irá nos salvar. Nenhum. Nem Foucault, nem Deleuze (!!!). Mas buscar aliados intercessores que produzam ressonâncias em nosso trabalho! “Como é que se extrai da sua própria língua uma literatura menor, capaz de pensar a linguagem e fazê-la tecer conforme uma linha revolucionária sóbria? Como devir o nômade, o imigrante e o cigano da sua própria língua? Kafka dizia: roubar a criança no berço, dançar na corda bamba” (DELEUZE e GUATTARI, 2002: 43).

Apostando, ainda na companhia de Deleuze e Guattari, em modos minoritários de escrita política, que desterritorializem a boca, as línguas e os dentes através de agenciamentos coletivos de enunciação, podemos criar linhas de fuga, um devir menor e a escrita do impossível: “Escrever como um cão que faz um buraco, um rato que faz a toca” (DELEUZE e GUATTARI, 2002: 42).

Atualmente, não há sentido em se ter um saber exclusivamente auto-referido. Deve-se colocar para circular o que já é patrimônio de todos – tornar comum o que é comum, fazendo proliferar o que está em todos e por toda parte, seja isto a linguagem, a vida, a inventividade. De acordo com Pelbart (2008), o contexto contemporâneo trouxe à tona a prevalência do “comum”, de maneira inédita na história.

O trabalho dito imaterial, a produção pós-fordista, o capitalismo cognitivo, todos eles são fruto da emergência do comum: eles todos requisitam faculdades vinculadas ao que nos é mais comum, a saber, a linguagem, e seu feixe correlato, a inteligência, os saberes, a cognição, a memória, a imaginação e, por conseguinte, a inventividade comum. Mas também requisitos subjetivos vinculados à linguagem, tais como a capacidade de comunicar, de relacionar-se, de associar, de cooperar, de compartilhar a memória, de forjar novas conexões e fazer proliferar as redes. Nesse contexto de um capitalismo em rede ou conexionalista, que alguns até chamam de rizomático, pelo menos idealmente aquilo que é comum é posto para trabalhar em comum.

Entretanto, essa dinâmica se faz acompanhar pela apropriação, expropriação, privatização e vampirização do comum “empreendida pelas diversas empresas, máfias, estados, instituições, com finalidades que o capitalismo não pode dissimular, mesmo em suas versões mais rizomáticas” (DELEUZE e GUATTARI, 2002: 42). Dinâmica essa que não se encerra na captura, pois se a potência de vida da multidão é visada “pelas capturas e seqüestros capitalísticos, mas é esse comum igualmente que os extrapola, fugindo-lhe por todos os lados e todos os poros” (DELEUZE e GUATTARI, 2002: 42).

Apostemos, então, na produção do comum, na alegria dos bons encontros, nos desencontros necessários, no humor, na disponibilidade, na potência da vida, na estilização de outros modos de pensar, produzir, escrever, existir. Apostemos na perda de tempo, na hesitação, na demora, na espreita, na produção de novas cartografias afetivas que brequem os fascistas que nos habitam.

Várias apostas foram lançadas, mas eis que chega a derradeira hora de finalizar este texto (que não se esgota aqui, é apenas um ponto para outras conexões), pois, se a leitura esgota, a escrita dispersa⁷ e o relógio me avisa que estou extrapolando o prazo de entrega. E antes que eu, pintinha cheia de pulgas produtora na granja *high tech*, entre em curto-circuito de tanto me coçar... hasta luego!

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COCCO, Giuseppe & MALINI, Fábio. Circular para produzir: novos mecanismos de socialização do conhecimento. *Revista Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade*. Rio de Janeiro: IETS, 2002.
- COCCO, Giuseppe. GALVÃO, Alexander Patez Galvão & SILVA, Geraldo. (ORGS.) *Capitalismo cognitivo. Trabalho, redes e inovação*. Rio de Janeiro: DP&a, 2003.
- CORSINI, L. F. *Êxodo constituinte: multidão, democracia e migrações*. 2007. 223f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gille.& PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, G & GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- DESPRET, Vinciane. *Ces émotions que nous fabriquent*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond; Seuil, 1999.
- _____. The body we care for: Figures of anthropozoo-genesis. *Body and Society*, 10(2-3), 111-134, 2004.
- FOUCAULT, Michael. *O que é um autor?* Lisboa: Nova Veja, 2009. 7ª. Ed.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose; um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- NEGRI, Antonio. & HARTD, Michael. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- PELBART, Peter Paul. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- _____. Elementos para uma cartografia da grupalidade. Em: SAADI, F; GARCIA, S. (Orgs.). *Próximo ato: Questões da Teatralidade Contemporânea*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 33-37.
- RAPIZZO, Rosana. *Terapia sistêmica de família: da introdução à construção*. Rio de Janeiro: NOOS, 2002.
- ROLNIK, S. "Fale com ele" ou como tratar o corpo vibrátil em coma. Em: FONSECA, T. e ENGELMAN, E. (orgs.) *Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- _____. Subjetividade antropofágica. Em: MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M.C.C. (orgs.) *Texturas da Psicologia: subjetividade e política no contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 11- 28.

Luana da Silveira
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ
Bolsista FAPERJ
E-mail: luanadasilveira76@gmail.com

¹ Fala de Suely Rolnik em um encontro com os estudantes de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), em maio de 2009.

² Exercício intensivo do sensível, captação do campo de forças (ROLNIK, 2004).

³ Uma das célebres frases de Heliana Conde, analisadora do processo de idealização dos alunos sobre a universidade, colocada como instituição produtora de movimentos instituintes e revolucionários.

⁴ Potência de pensamento que excede o regime normal, para além das regras de produção, da arte, considerando sua heterogênese (GUATTARI, 1992).

⁵ É espantoso como esses efeitos na academia não geram interesse e preocupação suficientes para serem investigados enquanto problemas de pesquisa!

⁶ Outra célebre frase de Heliana Conde.

⁷ Trocadilho da frase de Deleuze & Guattari (2002:139) sobre a leitura que esgota e a leitura que dispersa.